MARIANA RODRIGUES

.portfólio com textos.

Créditos da imagem: Jéssica Senra

MARIANA RODRIGUES nasceu em 1995 em Osasco. Vive e trabalha em São Paulo. Formada em Design Digital pela Universidade Anhembi Morumbi. Sua prática pictórica abstrata está ligada ao estudo de práticas corporais e ancestrais de cosmovisão de matrizes afrikanas e do Antigo Kemet (Egito), nas quais corpo, mente e espírito são compreendidos como uma unidade. Esta percepção atravessa toda sua pesquisa e se materializa através de formas, cores e gestos, utilizando-se de diferentes suportes que vão além de uma compreensão racional. Para a artista, sua pintura é um ritual, resultado de muitos processos internos e espirituais despertados pelos seus deslocamentos por várias regiões do Brasil. Seu trabalho já foi exposto em importantes instituições brasileiras como Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte do Rio (MAR) e Instituto Tomie Ohtake.

Instagram: @marianarodrigues_____
Email: marianadesr@gmail.com

FORMAÇÃO & ACOMPANHAMENTO ARTÍSTICO

2023. Clínica Geral do Ateliê 397 com Tiago Gualberto e Erica Burini.
2019. Escola Entrópica com Paulo Miyada e Pedro França. Instituto Tomie Ohtake
2018. Bacharelado em Design Digital. Universidade Anhembi Morumbi

EXPOSIÇÕES e PROJETOS

2024. *Exposição coletiva Gota Preta,* curadoria Wanessa Yano. Ocupação 9 de Julho, São Paulo - SP

2024. *Exposição coletiva* Líquen teso. Galeria Galatea, São Paulo - SP

2024. *Mural Fachada Projeto* Arte Urbana. Itaú Cultural, São Paulo - SP

2023. *Exposição coletiva* Entre , curadoria Carollina Lauriano, Casa Gabriel, São Paulo - SP

2023 *Exposição coletiva Internacional* PAURA, curadoria Paulo Azeco. Era Gallery, Milão - Itália

2022. *Primeiro Mural Urbano* em Favela dos Sonhos de Gerando Falcões a convite de Publica Art. Ferraz de Vasconcelos - SP

2022. *Exposição coletiva* Vivemos pra isso, curadoria Vozes Agudas e Ateliê 397. Ateliê 397, São Paulo - SP

2022. *Exposição coletiva* Por muito tempo acreditei ter sonhado que era livre, Programa Arte Atual, curadoria de Priscyla Gomes e Ana Paula Lopes. Instituto Tomie Ohtake, São Paulo - SP

2022. *Exposição coletiva* Coleção MAR e Enciclopédia Negra. Mar - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro - RJ

2021. *Exposição coletiva* Enciclopédia Negra, curadoria de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz. Pinacoteca do Estado de São Paulo - SP

2021. *Exposição coletiva Internacional* Arqueólogas do Afeto, curadoria de Renata Felinto. Galeria Bruno Múrias, Lisboa - Portugal

2020. *Exposição coletiva* Corpo que é meu outro, curadoria de Elidayana Alexandrino e Aline Baliberdin. Centro de Educação e Cultura Francisco Carlos Moriconi, Suzano - SP

2019. *Exposição coletiva* A Noite não adormecerá jamais nos olhos nossos, curadoria de Carollina Lauriano. Nacional Trovoa. Galeria Baró, São Paulo - SP

2019. *Exposição coletiva* Noite. Nacional Trovoa, curadoria de Keyna Eleison.Centro Cultural Hélio Oiticica, Rio de Janeiro - RJ

2018. *Exposição coletiva* Vesícula, curadoria de Igi Ayedun. Espaço Breu, São Paulo - SP

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

2023. Silo Arte e Latitude Rural, Serrinha do Alambari - RJ
SAÚVA, Botucatu - SP
2020. Temos Vagas! do Ateliê 397, online

PRÊMIO ARTÍSTICO

2022. Prêmio VoA do Vozes Agudas

FEIRAS/FESTIVAIS

2023. SP-ARTE, Galeria Janaina Torres
2022. PINTA Miami, Galeria Janaina Torres
ArtRio, Galeria Janaina Torres
SP-ARTE, Galeria Nacional Trovoa e Cassia Bomeny
2021. SP-ARTE, Galeria Nacional Trovoa e Piscina Art

ACERVO INSTITUCIONAL

Enciclopédia Negra, Pinacoteca do Estado de São Paulo
Instituto Ibirapitanga. Rio de Janeiro - RJ

OFICINAS MINISTRADAS

2024.*Pinturas do inconsciente: experimentos com o abstrato e pigmentos naturais,* Sesc Osasco - SP

2023. *Pinturas do inconsciente: experimentos com o abstrato e os cinco sentidos* para crianças do 1° e 2° ano do fundamental. EMEIEF Luiz Bortolosso, Osasco - SP
Pinturas do inconsciente: experimentos com o abstrato e pigmentos naturais ministrada em Silo Arte e Latitude Rural - RJ

PARTICIPAÇÃO EM LIVRO

2023. Criação da pintura da capa do livro MAMA de Terry McMillan, a convite da TagLivros

2021. Enciclopédia Negra de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz

2020. Publicação Piscina Entrevista 2020

e n t r e v i s t a s

Itaú Cultural
Matéria Mariana Rodrigues traz as águas e o abstrato em pintura na fachada do IC
https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/mariana-rodrigues-traz-as-aguas-e-o-abstrato-em-pintura-na-fachada-do-ic

Revista Dasartes
Matéria Mariana Rodrigues
https://dasartes.com.br/a-revista/dasartes-112/

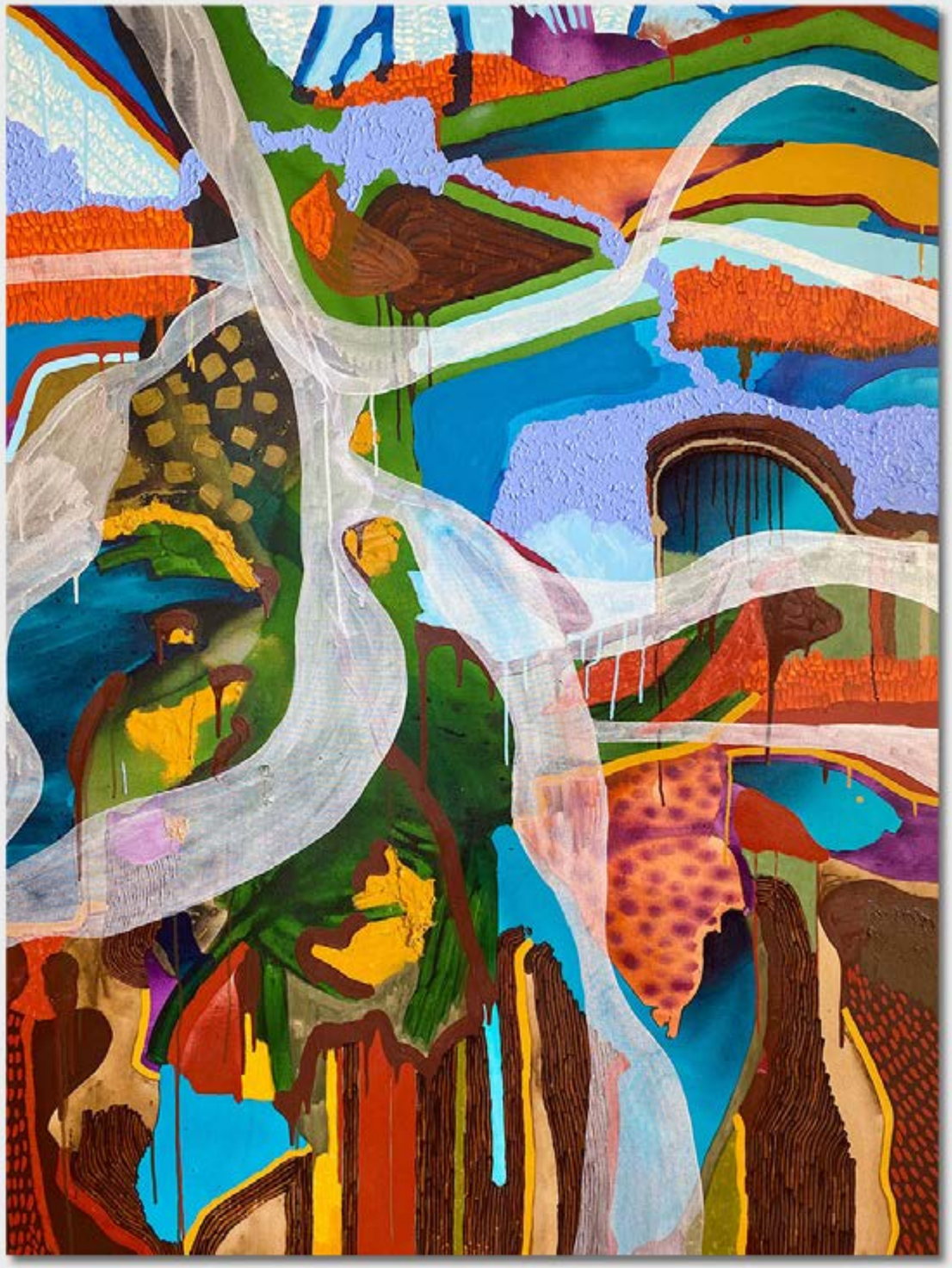
Entrevista Enciclopédia Negra
Episódio 17: Mariana Rodrigues | Série "Enciclopédia Negra" para Companhia das Letras
https://www.youtube.com/watch?v=5EHVtPE97rA

SP-ARTE
Matéria Enciclopédia negra: pesquisadoras indicam personalidades Parte I
https://www.sp-arte.com/editorial/enciclopedia-negra-pesquisadoras-indicam-personalidades/

Piscina
Entrevista Mariana Rodrigues
https://www.piscina-art.com/blog/2020/8/24/perfil-mariana-rodrigues

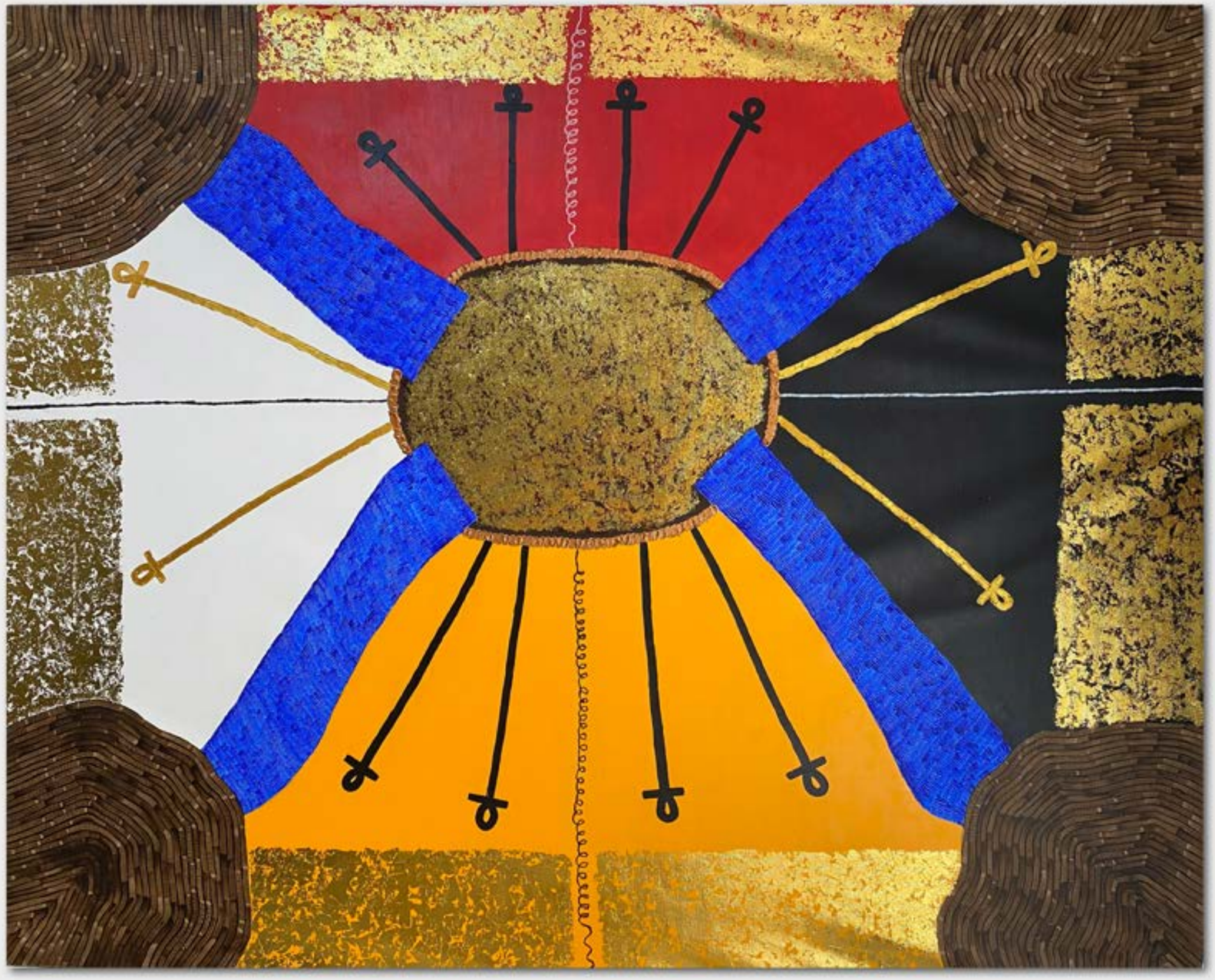
Revista Claudia
As criações dessas designers vão transformas a decoração da sua casa
https://claudia.abril.com.br/casa-claudia/designers-negras-decoracao-casa/

Arte que Acontece
Mariana Rodrigues
https://www.artequeacontece.com.br/mariana-rodrigues/



De dentro da terra embaixo do céu, 2024
170 x 120 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e bastão oleoso sobre tela

Parecia que a água era dentro de mim, 2024
100x60 cm
Acrílica e linha de algodão sobre tela



Criei minha própria representação do cosmograma Bakongo Dikenga unindo com as cosmologias e ontologias do Kemet (antigo Egito). A origem da criação parte do mesmo princípio: o eterno retorno às águas primordiais de Num ao final do ciclo criativo e cósmico. ~ Cada momento do Sol sobre o céu tem uma representação de Rá, e sua jornada pelo dia é também a jornada da vida. A jornada de Rá representa a vitória eterna de Ma'at sobre Isfet, da vida sobre a morte. Representa os desafios de tudo o que faz parte da consciência, da energia vital enfrentada ao longo da existência. ~ Caminhos de Ankh (vida) que apontam para todas as direções possíveis, em uma experiência do tempo onde espirais se dilatam como respingos cintilantes de ouro.

Sol como marcador de reencontro e reexistir, 2023
Série: Buscadores do Sol
195 x 156 cm
Acrílica, folha de ouro e giz pastel oleoso sobre tela

A pintura ao lado “Eu vim da terra mais densa, da lama mais velha” foi desenvolvida durante meu processo de residência artística na Silo Arte e Latitude Rural, em agosto de 2023 na Serrinha do Alambari, em Resende, RJ. Nesta residência pude me dedicar nas investigações e experimentações dos pigmentos naturais de terras coletadas na região. Diante disso, transformei essas terras coletadas em tintas naturais e criei obras com essas tintas. A pintura “Eu vim da terra mais densa, da lama mais velha” foi produzida com essas terras coletadas.

Eu vim da terra mais densa,
da lama mais velha, 2023
Série: Pedindo licença me permito
chegar ao tempo do pó
173 x 130 cm
Pigmentos naturais de terra, urucum,
sementes, vagem e tinta acrilica sobre tela
Obra desenvolvida na residência artística
Silo Arte e Latitude Rural,
Serrinha do Alambari, Resende - RJ

Respirar fundo diante do caos, 2023
173 x 94 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela
Obra desenvolvida na residência artística
Silo Arte e Latitude Rural,
Serrinha do Alambari, Resende - RJ

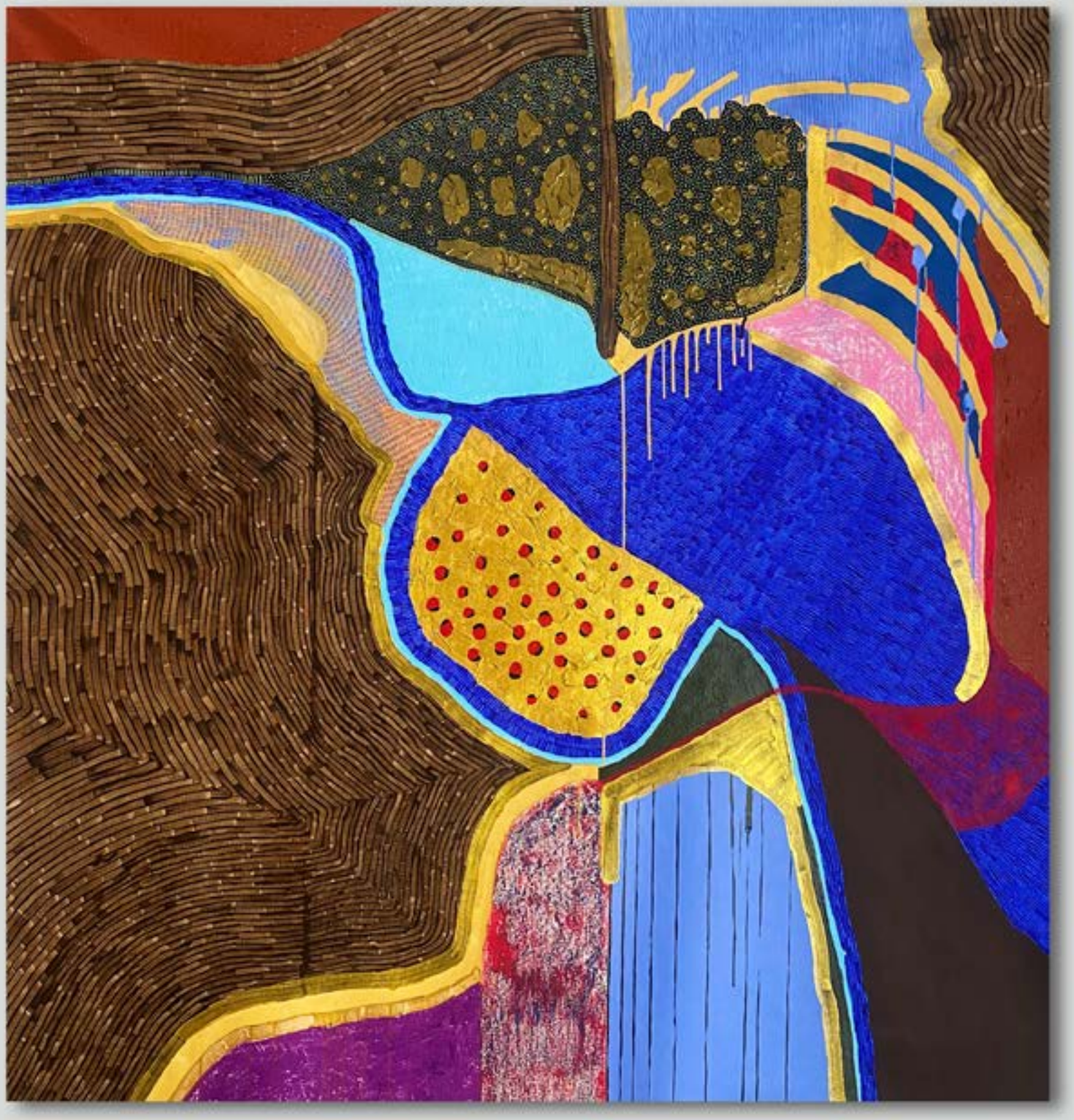
A cerca de dois anos tenho iniciado um processo de pesquisa de catalogamento das pinturas abstratas naturais de biomas dos territórios que percorro, sendo elas: pedras, rochas, solos, liquens, águas, das cores naturais, pigmentos naturais, plantas e paisagens.

Na residência Saúva em Botucatu - SP, que participei em Junho de 2023, pude entrar em um processo de imersão aprofundada desse projeto e do início do meu livro de artista. Ambas as residências foram de 28 dias, e apresento neste portfólio algumas pinturas que realizei durante essas residências, numa intensa pesquisa, a partir de vivências em meio a natureza.

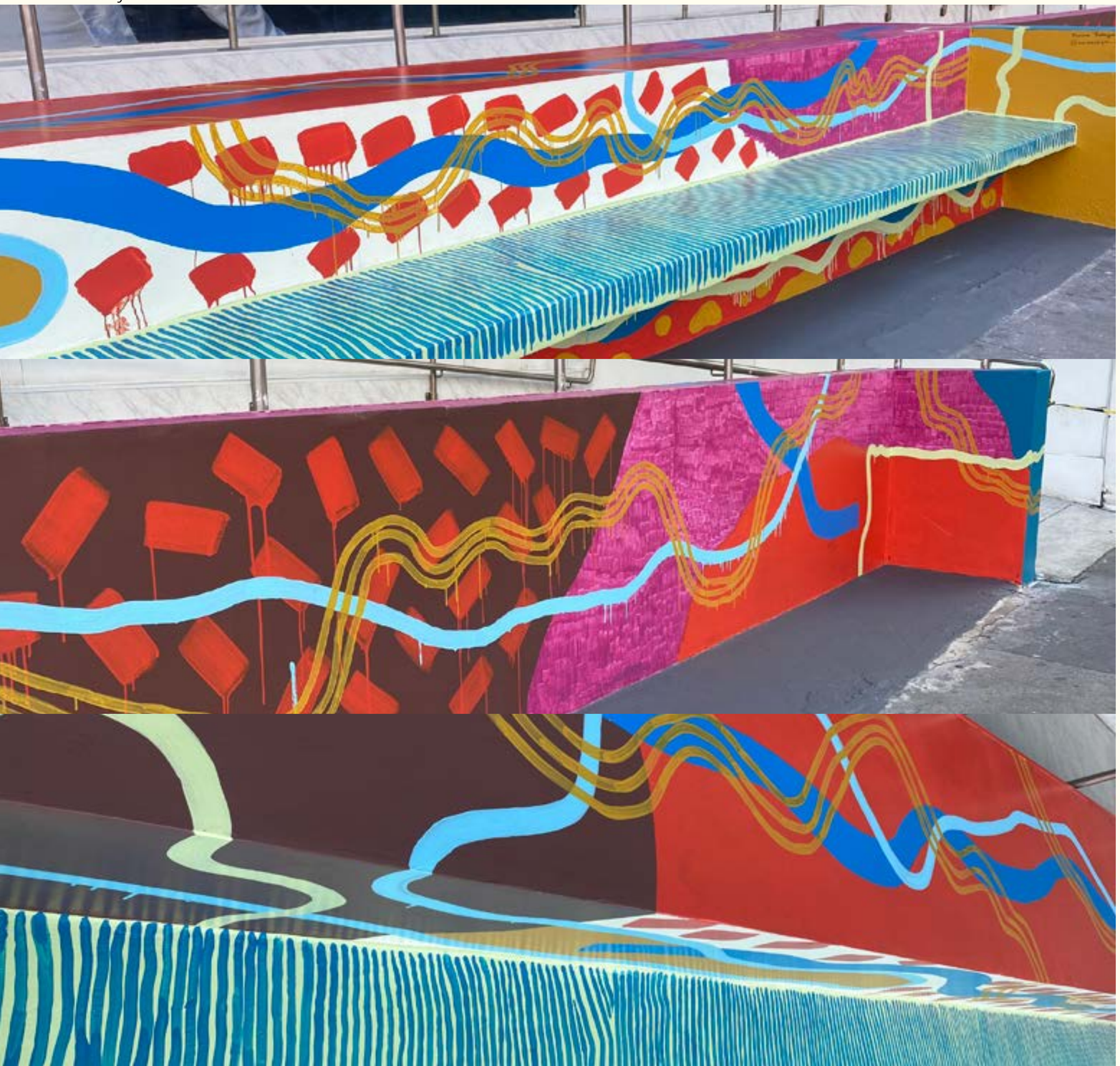
Água que mata a nossa sede de viver, 2023
156 x 98 cm
Acrílica, folha de ouro, giz pastel oleoso e marcador sobre tela
Obra desenvolvida na residência artística SAÚVA , Botucatu - SP

A branquitude e a colonialidade tentam exercer o domínio do Sol dos seres terráqueos, sejam eles do reino vegetal, animal e mineral. Nos colocam em caixas de paredes brancas e cinzas, impedindo que os raios quentes do Sol adentrem as moléculas e DNA dos seres melanizados. Na medida que nos libertamos desses domínios e amarras, nos tornamos buscadores do Sol, ativadores de melanina diários. E ir de encontro ao Sol, é ir de encontro à povos e culturas que sobreviveram e sobrevivem ao tempo espiral, àquele em que presente, passado e futuro partem da mesma origem. Isso é Sankofa, como muitos falam, Sankofa é ação, retorno às origens. E tudo leva para um mesmo ponto/origem: o vazio, e ele é escuro. Nutrido por todas as cores que o Sol proporciona adentrar na pele e no olhar. A busca pelo Sol é a busca pelo dourado da prosperidade, uma prosperidade muito longe da ideia de sucesso que a colonialidade ilusoriamente posiciona como sendo a única ideia de se alcançar. Sol como marcador de re-existir, re-encontrar. A vida para as pessoas melanizadas só faz sentido se houver Sol.

Meu coração é como um espelho dourado que reflete o Sol, 2023
Série: Buscadores do Sol
128 x 122 cm
Acrílica, folha de ouro e marcadores sobre tela



É nosso dever lutar pela nossa liberdade de sentir, 2023
142 x 138 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela



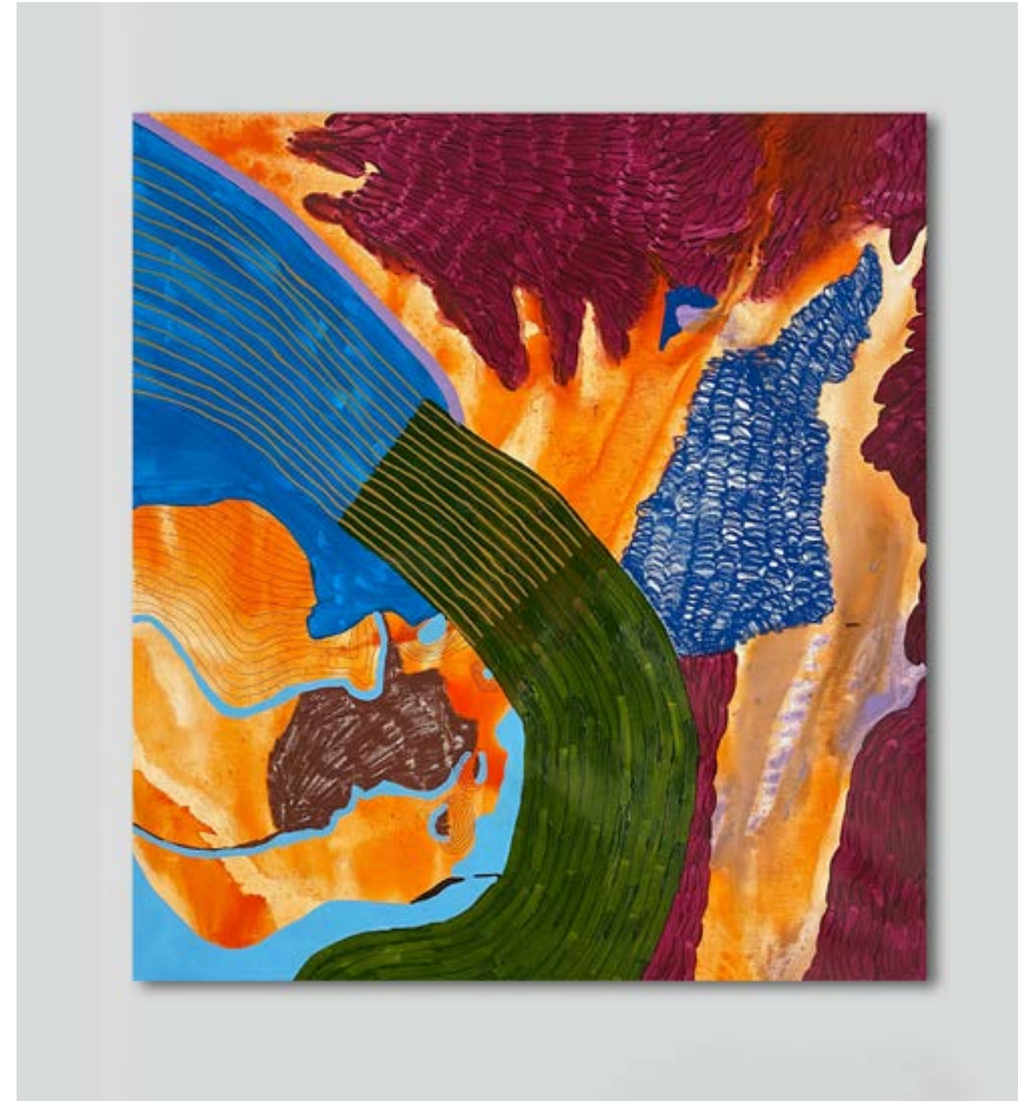
Fachada

Projeto Arte Urbana Itaú Cultural

A música “Txai”, do álbum de mesmo nome lançado em 1990 por Milton Nascimento, foi a inspiração para a nova criação da artista visual e designer Mariana Rodrigues, intitulada Tudo se chama rio, que ocupa, a partir de abril, o banco da fachada do Itaú Cultural (IC), na Avenida Paulista, 149.

Na pintura, Mariana utiliza o abstrato e as formas orgânicas para homenagear as águas. Ela conta que rascunhou esse projeto pensando em algo mais intuitivo, selecionando muito bem as cores e todas as formas para que elas sigam orgânicas junto com o movimento da fachada. Outro ponto valioso para a artista, é o título de suas obras. “Tudo se chama rio eu já tinha guardado para que pudesse utilizar numa pintura importante”, afirma.

Estudo sobre líquens, 2023
93 x 81 cm
Acrílica sobre tela
Obra desenvolvida na residência artística SAÚVA , Botucatu - SP

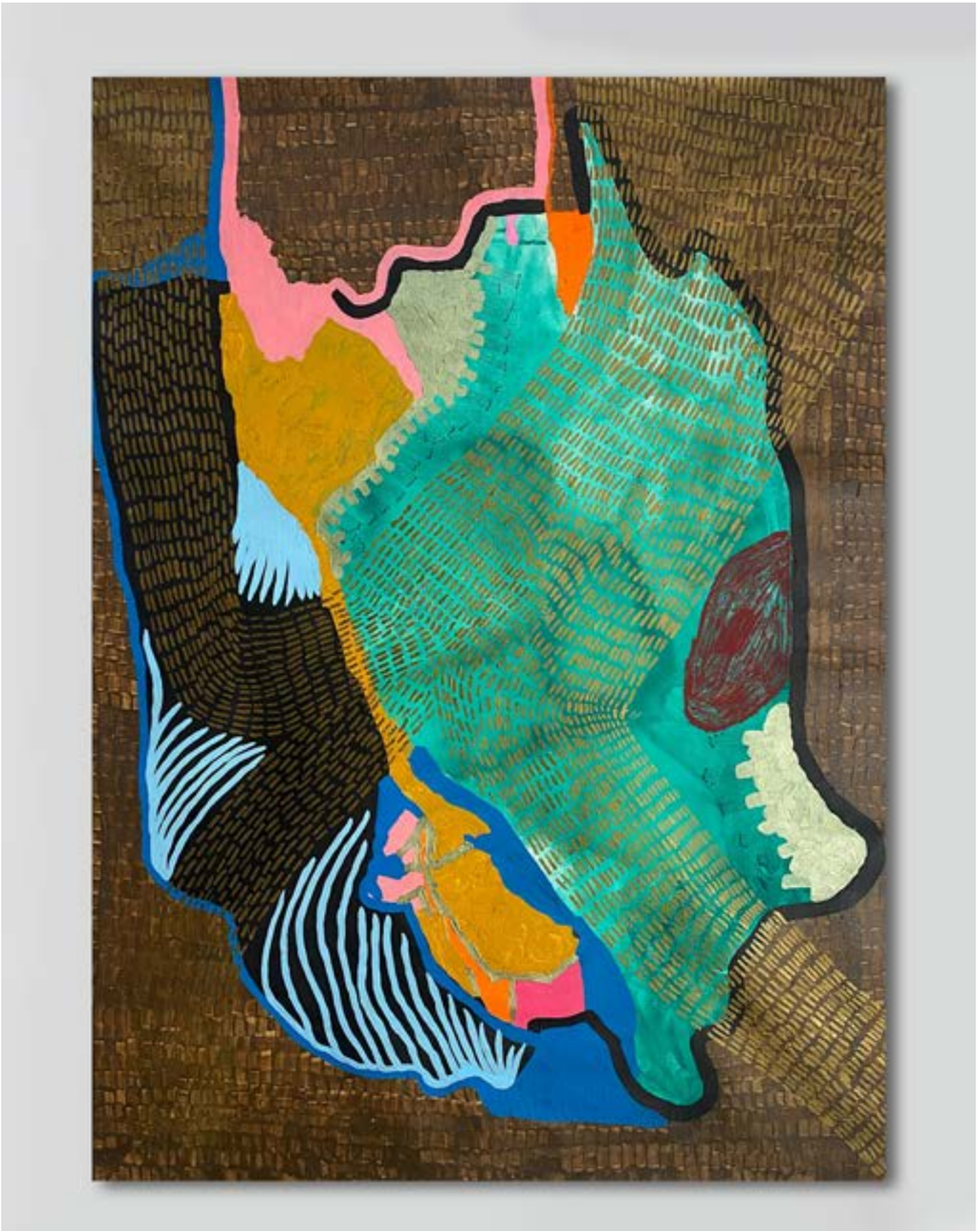


Estudo sobre o percurso dos rios, 2023
80 x 91 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela
Obra desenvolvida na residência artística SAÚVA , Botucatu - SP

Coração pulsante, 2023
Série: Sentimentos Lunares
70 X 70 cm
Acrílica, folha de ouro, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela

Reconstruindo cacos para reflexos de ouro, 2023
Série: Trabalhos de proteção
77 x 50 cm
Acrílica, bordado, sementes, espelhos e correntes sobre tela

Em cada linha eu choro, 2022
Série: Trabalhos de proteção
80 x 70 cm
Acrílica, bordado, folha de ouro, sementes e correntes sobre tela



É nas profundezas que habito e me faço morada, 2022
100 x 138 cm
Acrílica, giz pastel oleoso, bastão oleoso e marcadores sobre tela

Quero conhecer os desejos da terra, 2022
97 x 142 cm
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela

Corpo como máquina do tempo, 2022
Série: Trabalhos de proteção
90x110 cm
Acrílica, linha de crochê, marcadores, sementes, bijuteria e correntes sobre tela

Créditos da imagem: Heryke Ngozi

Primeiro Mural

Projeto Favela dos Sonhos a convite da Publica Art

Ao final de 2022, Mariana Rodrigues realizou seu primeiro mural em área urbana a convite de Juliana Flores idealizadora do Pública Art para o projeto Gerando Falcões na Favela dos Sonhos em Ferraz de Vasconcelos, SP.

Criação da pintura da capa do livro
M A M A

de Terry McMillan

A convite da TagLivros, ao final de 2022, Mariana Rodrigues produziu a capa do livro MAMA da escritora norte-americana Terry McMillan.

O livro MAMA é o primeiro livro da autora Terry McMillan a ser traduzido no Brasil. É um mergulho profundo na vida de Mildred Peacock, uma mulher negra, mãe de cinco, que, na década de 1960, faz o possível (e o impossível) para garantir a sobrevivência da sua família.

Série

De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço

.em desenvolvimento.

O início da série *"De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço"*, surge ao final de 2021 com a obra *"Paciência ao reconstruir meu corpo/ coração dourado assim como minha mãe me fez"*, que produzi depois de começar a ganhar espelhos quebrados, onde os tornei armamentos em minhas pinturas. Feitiço de proteção. Esta obra é resultado de investigações, experimentações e aperfeiçoamentos de caminhos que levam a encontrar meu trabalho em uma intersecção entre pintura expandida e escultura. Este é um momento muito significativo de amadurecimento das minhas produções diante dos últimos tempos, ao ponto que transmuto da mesma forma enquanto espírito, pois minha arte não é desconectada do meu ser, porém também compreendo o meu humilde tamanho perante toda a imensidão da existência.

Em busca de provocações e pesquisas de territórios sagrados que me instiguem a estar cada vez mais em contato com o processo desta série, fui para Caeté-Açu no Vale do Capão, uma das regiões da Chapada Diamantina na Bahia. Solo abundante de águas doces, matas, montanhas, pinturas naturais de líquens construídas pelo tempo nas rochas e pedras de toda a região e principalmente para estar em contato diário com *Oshún* (Oshún do yorubá, Oxum em português), força principal para o feitiço que constitui esta série, me permitindo viver o tempo do orisha (orisha em yorubá, orixá em português).

E neste contexto, longe da atribulação urbana e em contato com a natureza, o projeto *"De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço"* ganha novos contornos se expandindo em técnica e conceito plásticos, filosóficos e de discurso. Este espaço/tempo do espírito me traz a conexão necessária com as águas doces, rochas e pedras que em sua simplicidade constroem pinturas abstratas naturais que são descobertas pelo olhar, este tempo natural das coisas percorre o contato ainda maior com meu inconsciente, me levando a caminhos que me possibilitam continuar esta série.

O desenvolvimento do projeto desta série *"De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço"* tem como objetivo trazer o orixá Oshun como ponto de partida, não tratando este orixá somente enquanto arquétipo, mas com uma auto-reflexão da própria imagem de corpos negros ao romperem com uma imagem colonial ao se verem refletidos neste orixá, apoderando-se desta transmutação. Esta é a principal busca desta série, ao ponto que busco em mim mesma estes caminhos de reflexos e auto-reflexões multidimensionais.

“ Dando início a série *“De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço”* embebida em magia, das mais brabas que me presentearam ao nascer e do nascer me permitiu permanecer aqui em terra, me esquecendo de ir, para assim me fazer ponte. De lá até aqui. Sem medo de ver o outro lado, porque ele faz parte. Reflexo. Tenho amado o ato de exercer a paciência ao estar imersa por horas colocando a linha na agulha, perfurando a tela e passando a linha, vendo as formas surgirem lentamente. Sinto como se estivesse bordando a mim mesma, num caminho de voltas que minhas mãos parecem reconhecer. Caminho traçado tantas vezes que me fez cansada. Pés descalços e caminhante. Minhas pinturas são lágrimas secas das que dentro comportam um oceano e afoga. Choro das minhas mães. Lágrimas douradas que me banham e fazem da morte irmã. É intuitivo porque é ancestral. ”

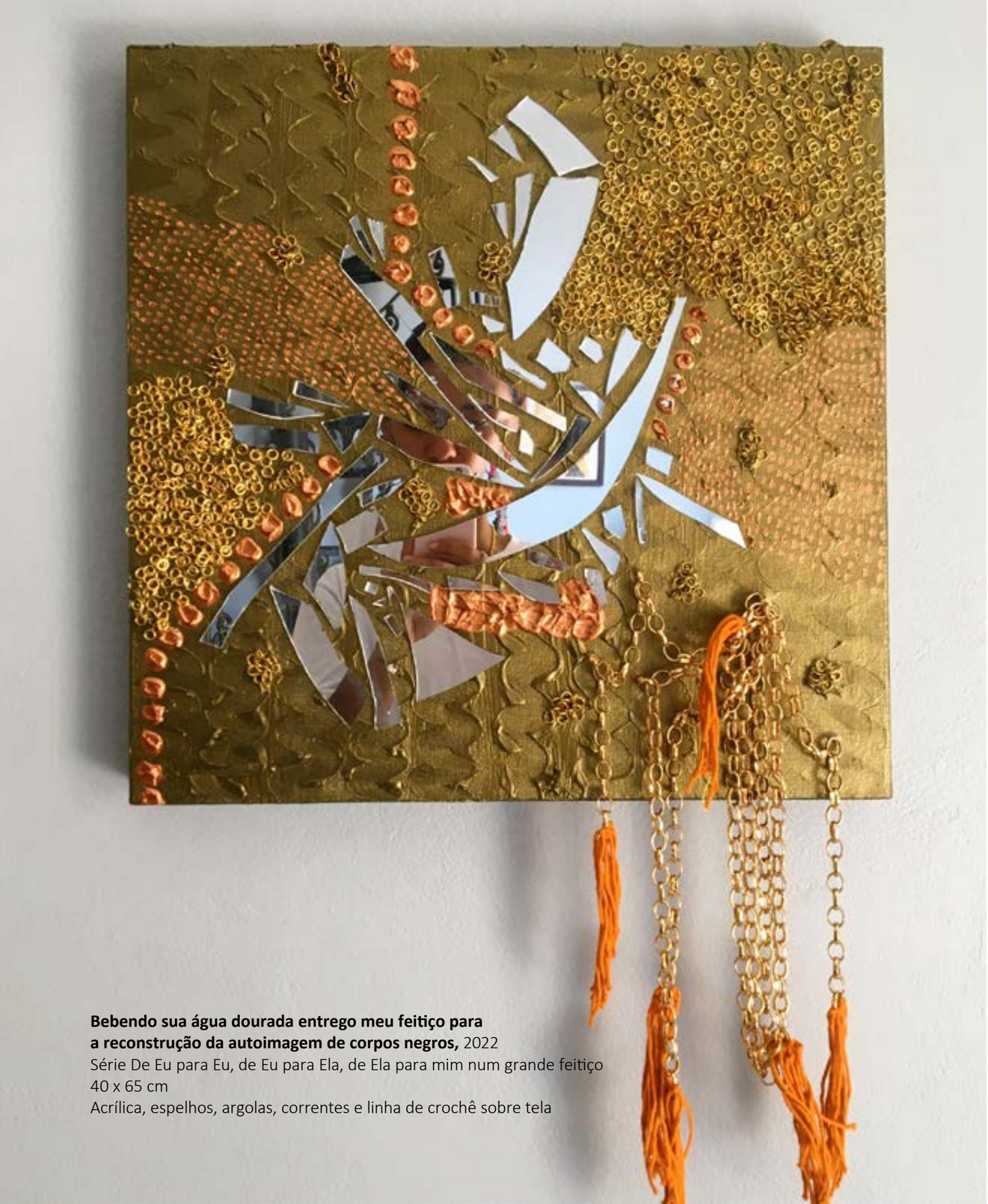
Paciência ao reconstruir meu corpo/coração dourado assim como minha mãe me fez, 2021
Série De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço
116 x 178 cm
Acrílica, espelhos, linha de crochê, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela

Série

De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço

.em desenvolvimento.

Há quase um ano comecei a ganhar espelhos quebrados e os tornei armamento em minhas pinturas. Feitiço de proteção. Eu, água tão doce que afogo. Ao reconstruir meu coração, pedaço por pedaço em cada espelho, percebi que na verdade estava reconstruindo minha imagem, meu espírito. Dia desses me deparei com este conto ~ " Conta-se, na tradição oral de matriz africana, que no princípio havia uma única verdade no mundo. Entre o Orun e o Aiyê existia um grande espelho. Assim, tudo que estava no Orum se materializava e se mostrava no Aiyê. Ou seja, tudo que estava no mundo espiritual se refletia exatamente no mundo material. Ninguém tinha a menor dúvida em considerar todos os acontecimentos como verdades. E todo cuidado era pouco para não se quebrar o espelho da Verdade, que ficava bem perto do Orun e bem perto do Aiyê. Neste tempo, vivia no Aiyê uma jovem chamada Mahura, que trabalhava muito, ajudando sua mãe. Ela passava dias inteiros a pilar inhame. Um dia, sem querer, perdeu o controle do movimento ritmado que repetia sem parar e a mão do pilão tocou forte no espelho, que, então, espatifou-se pelo mundo. Desesperada, Mahura correu para se desculpar com Olorum, o Deus Supremo. Qual não foi a surpresa da jovem quando encontrou Olorum calmamente deitado à sombra de um iroko. Olorum ouviu as desculpas de Mahura com toda a atenção, e declarou que, devido à quebra do espelho, a partir daquele dia não haveria mais uma verdade única para se observar, mas várias possibilidades de observação da verdade. E concluiu Olorum: "De hoje em diante, quem encontrar um pedaço de espelho, em qualquer parte do mundo, já pode saber que está encontrando apenas uma parte da verdade, porque o espelho reflete sempre a imagem do lugar onde ele se encontra". Portanto, para seguirmos a vontade do Criador, é preciso, antes de tudo, aceitar que somos todos iguais, apesar de nossas diferenças. E que a Verdade não pertence a ninguém, pois não está em nenhum pedaço especificamente – do espelho, do mundo ou do pensamento –, mas na união de todos: lugares, ideias e pessoas. Há um pedacinho dela em cada lugar, em cada crença, dentro de cada um de nós." (Fonte: Iyá Vanda Machado)



Bebendo sua água dourada entrego meu feitiço para a reconstrução da autoimagem de corpos negros, 2022
Série De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço
40 x 65 cm
Acrílica, espelhos, argolas, correntes e linha de crochê sobre tela

Reflexos difundidos em diálogos silenciosos, 2022
Série De Eu para Eu, de Eu para Ela, de Ela para mim num grande feitiço
50 x 90 cm
Acrílica, marcador e linha de crochê sobre tela
Obra produzida na Chapada Diamantina, Bahia - Brasil

© Bruno Lopes
Cortesia da Galeria Bruno Múrias

Possuímos tudo o que tocamos com nossos pés, 2021
150 x 192 cm
Acrílica, giz pastel oleoso,
bastão oleoso e marcadores sobre tela
Obra exposta na Exposição Coletiva
Internacional Arqueólogas do Afeto,
curadoria de Renata Felinto.
Galeria Bruno Múrias, Lisboa - Portugal

© Bruno Lopes
Cortesia da Galeria Bruno Múrias

Bordando a transmutação de um coração com pulsar ininterrupto, 2021
100 x 120 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e linha de crochê sobre tela
Obra exposta na Exposição Coletiva Internacional Arqueólogas do Afeto,
curadoria de Renata Felinto. Galeria Bruno Múrias, Lisboa - Portugal

© Bruno Lopes
Cortesia da Galeria Bruno Múrias

Caminhos, transformações, curas de encontros regidos pela água, 2021
100 X 170 cm
Acrílica, tinta a óleo, bastão oleoso e giz pastel oleoso sobre tela
Obra exposta na Exposição Coletiva Internacional Arqueólogas do Afeto,
curadoria de Renata Felinto. Galeria Bruno Múrias, Lisboa - Portugal

Me deságuo no tempo do meu próximo existir em vida/morte perpetuo, 2022
Série: Reflexões sobre o tempo
134 x 100 cm
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela
Obra produzida na Chapada Diamantina, Bahia - Brasil

O renascer do poder criacional que existe por ser 2022
Série: Reflexões sobre o tempo
134 x 100 cm
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela
Obra produzida na Chapada Diamantina, Bahia - Brasil

Entre o mais puro do invisível e as reflexões sobre o tempo, 2021
Série: Reflexões sobre o tempo
120 x 100 cm
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela

Simbiose de corpos espiralados pelo tempo, 2021
Série: Reflexões sobre o tempo
120 x 100 cm
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela

Escolhi não ter mais medo, 2021
100 x 170 cm
Acrílica, giz pastel oleoso
e marcadores sobre tela

Rainha Marta, 2020
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela
80 x 50 cm
Obra realizada para o livro e exposição Enciclopédia Negra
Acervo Pinacoteca de São Paulo

Enciclopédia Negra

Rainha Marta dos Quilombos de Iguaçu

Século XIX , Iguaçu, Rio de Janeiro

Em 2020 o curador Jaime Lauriano convidou Mariana Rodrigues para produzir a obra da "*Rainha Marta"* exclusivamente como parte do projeto *Enciclopédia Negra*, constituído por um livro e exposição itinerante na Pinacoteca do Estado de São Paulo. As obras dos personagens retratados pelos artistas convidados fazem parte do acervo da Pinacoteca de São Paulo.

Organizada por Flavio Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Schwarcz, e contando com 252 verbetes, essa enciclopédia pretende trazer personagens negros que se destacaram ao longo de quase quatrocentos anos, desde o final do século XVI, época da primeira entrada de africanas e africanos no Brasil, e que tenham morrido até 2018. A obra apresenta textos críticos e os retratos produzidos pelos artistas destes personagens negros.

Atualmente a obra *"Rainha Marta"* de Mariana Rodrigues já participou da exposição da E*nciclopédia Negra* na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2021 e do MAR Museu de Arte do Rio em 2022.

"Marta foi identificada como um das lideres dos quilombos de Iguaçu, localizados no Recôncavo da Guanabara - parte da atual Baixada Fluminense. (...) Em julho de 1876, o Diario do Rio de Janeiro noticiaria o resultado de uma expedição contra os quilombos de Iguaçu. No quilombo do Gabriel teriam sido capturados 23 quilombolas, entre os quais Mateus e Marta, intitulada rainha do quilombo". (trecho retirado do livro Enciclopedia Negra).

"Mariana Rodrigues conta que recebeu seu verbete do artista e organizador do livro Jaime Lauriano, e que na noite em que o leu, sonhou com uma mulher de turbante segurando uma galinha. A partir deste sonho ela adentrou um processo de pesquisa sobre a importância e o significado da galinha, em especial a galinha-d'angola, por ser uma ave muito importante dentro das culturas de terreiros. Segundo Mariana, no candomble, a galinha-d'angola simboliza a iniciação, a feitura do santo, o assentamento do orixa no ori (cabeça) - nesse sentido, e como se a pintura incorporasse a identidade da Rainha Marta do Quilombos. A artista tambem ressalta a importância das cores vibrantes desta construção: o uso dos tons dourados e o amarelo ressignificam a identidade desta rainha, em cujo rosto e possivel identificar algumas marcas de cicatriz, marca da violência de uma pessoa que foi escravizada e que Mariana Rodrigues fez questão de não apagar". (trecho retirado da entrevista realizada em 2021 por Bianca Leite na plataforma na SP-Arte).

Mergulhando em afetos sem saber nadar, 2021
100 x 100 cm
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela

Pensamentos incessantes de um corpo do tempo, 2021
Série Reflexões sobre o tempo
100 x 120 cm
Acrílica, marcador e giz pastel oleoso sobre tela

A terra tem peso, 2021
100 x 170 cm
Acrílica, marcadores
e giz pastel oleoso sobre tela
Obra exposta na Exposição Coletiva
Por muito tempo acreditei ter sonhado
que era livre, 2022, Programa Arte Atual,
curadoria de Priscyla Gomes e Ana Paula
Lopes. Instituto Tomie Ohtake, São Paulo - SP

Reconstruindo o reflexo de mim mesma quando bebo da auto imagem, 2020
90 x 70 cm
Acrílica, tinta a óleo, espelhos, marcador, bastão oleoso e giz pastel oleoso sobre tela

Eu sou um ser espiritual vivendo uma experiência na matéria, 2019
90 x 70 cm
Acrílica, marcadores, espelhos e pedaços de árvore sobre tela
Obra exposta na Exposição Coletiva A Noite não adormecerá jamais nos olhos nossos,
curadoria de Carollina Lauriano. Nacional Trovoa. Galeria Baró, São Paulo - SP

Créditos da imagem:
Wallace Domingues

De quando minhas águas clamavam pela entrega, 2020
50 x 50 cm
Acrílica e giz pastel oleoso sobre tela

O caminho da divindade à imperfeição, 2020
50 x 50 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e bastão oleoso sobre tela

Quando minha criança vem,
me pega pela mão e me faz dançar, 2020
100 x 170 cm
Acrílica, giz pastel oleoso
e marcadores sobre tela

Do ato de tornar leve as formas que não compreendo, 2020
100 x 60 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela

De um grito eu renasço, 2020
80 x 90 cm
Acrílica, giz pastel oleoso, bastão oleoso e marcadores sobre tela

Acesso ao inconsciente para transpor uma representação não lógica da realidade, 2020
200 x 145 cm
Acrílica, giz pastel oleoso
e linhas de crochê sobre tela

Sentimos para existir, 2020
70 x 40 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela

Só faz sentido se for sentido, 2020
70 x 40 cm
Acrílica, giz pastel oleoso e marcadores sobre tela

Manifestações do Ego
em experiências do mundo físico, 2019
200 x 150 cm
Acrílica e marcadores sobre tela